

A PSEUDOCIÊNCIA DO *DESIGN* INTELIGENTE

THE PSEUDOSCIENCE OF INTELLIGENT DESIGN

Rafael Nicolaidis¹

Clin Biomed Res. 2016;36(1):56-57

¹ Serviço de Emergência, Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Porto Alegre, RS, Brasil.

Autor correspondente:

Rafael Nicolaidis
rnicolaidis@hcpa.edu.br
Serviço de Emergência, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Rua Ramiro Barcelos, 2350.
90035-903, Porto Alegre, RS, Brasil.

A *Clinical & Biomedical Research* publicou uma carta muito interessante em sua última edição. O autor apresenta a teoria do “*design* inteligente” (DI), definindo-a como “uma teoria científica que defende que certas características do universo e dos seres vivos são mais bem explicadas por uma causa inteligente ao invés de processo não direcionado, como a seleção natural”^{1:250}.

Mas seria mesmo o DI uma teoria *científica*? Uma teoria *científica* não é um mero palpite ou uma simples achismo: pressupõe uma ou mais hipóteses *testadas empiricamente* através de experimentos²⁻⁴. A seleção natural é uma teoria *científica*. O DI, por outro lado, não pode ser considerada uma teoria *científica*, já que não existe maneira de verificar experimentalmente sua afirmação central, a existência de um “Criador”. Os proponentes do DI frequentemente utilizam a dualidade de significados da palavra “teoria” (coloquial *versus* científico) para afirmar erroneamente que o DI é uma teoria científica, ou ainda que a seleção natural é “apenas” uma teoria.

Alves afirmou que “cada vez mais adeptos têm-se unido à comunidade *pró-design*”^{1:250}, citando como referência o documento “A Scientific Dissent from Darwinism”⁵, um abaixo-assinado que, em 2007, após 6 anos de existência, continha aproximadamente 700 assinaturas, entre elas as de cientistas falecidos e muitos pesquisadores de áreas sem relação com as ciências da vida. Em contraste, uma contrapetição intitulada “A Scientific Support for Darwinism” obteve, durante *apenas quatro dias* de 2005, assinaturas de 7.733 cientistas⁶.

Os defensores da ideia do DI usam a falácia da “complexidade irreduzível”, argumentando que funções ou órgãos complexos, como um olho ou o flagelo de uma bactéria, não seriam explicáveis dentro do paradigma da seleção natural, por dependerem de múltiplos componentes (e conseqüentemente múltiplas mutações) que não poderiam ter surgido simultaneamente e que, individualmente, não confeririam vantagens adaptativas. Essa teoria já foi testada (conforme o método científico) e refutada através de modelos computacionais que demonstraram que o mecanismo de seleção do mais apto é capaz de gerar sistemas de alta complexidade⁷. A “complexidade irreduzível” do olho *já foi reduzida* através de demonstrações fósseis de sua evolução⁸. Pesquisadores também propuseram caminhos evolucionários viáveis para sistemas considerados irreduzíveis pelos criacionistas, como o flagelo de uma bactéria⁹.

Curiosamente, uma busca na base de dados MeSH da NCBI (*National Center for Biotechnological Information*) por “Intelligent Design” gera o seguinte resultado: o MeSH “Religious Philosophies”¹⁰.

Alves conclui a sua carta pedindo “uma mente aberta” aos corpos editoriais dos periódicos científicos, característica realmente desejável, mas que não deve servir para deixarmos de lado os princípios fundamentais da ciência.

MeSH terms:

- *Epistemology*, Epistemologia
- *Intelligent Design*, *Design* Inteligente
- *Natural Selection*, Seleção Natural
- *Science*, Ciência
- *Science and Religion*, Religião e Ciência

REFERÊNCIAS

1. Alves EF. Teoria do design inteligente. *Clin Biomed Res*. 2015;35(4):250-1.
2. National Academy of Science. Terms used in describing the nature of science. In: *Science and creationism: a view from the National Academy of Sciences* [internet]. 2. ed. Washington: NAP; 2001. [cited 2016 Feb 13]. Disponível em: www.nap.edu/read/6024/chapter/2#2
3. Rasmus Grønfeldt Winther. The structure of scientific theories. In: Zalta EN. *Stanford Encyclopedia of Philosophy* [internet]. Stanford: The Stanford Encyclopedia of Philosophy; 2016. [cited 2016 Feb 13]. Disponível em: plato.stanford.edu/entries/structure-scientific-theories/
4. American Association for the Advancement of Science. *The nature of science* [internet]. 1989. [cited 2016 Feb 13]. Disponível em: www.project2061.org/publications/sfaa/online/chap1.htm#sci
5. Discovery Institute. *A scientific dissent from Darwinism* [internet]. Seattle; 2001. [cited 2016 Feb 13]. Disponível em: www.dissentfromdarwin.org/
6. Wikipedia, the free encyclopedia. *A scientific support for Darwinism* [internet]. 2014. [cited 2016 Feb 13]. Disponível em: en.wikipedia.org/wiki/A_Scientific_Support_for_Darwinism
7. Lenski RE, Ofria C, Pennock RT, Adami C. The evolutionary origin of complex features. *Nature*. 2003;423(6936):139-44.
8. Young GC. Early evolution of the vertebrate eye: fossil evidence. *Evol Educ Outreach*. 2008;1(4):427-38.
9. Pallen MJ, Matzke NJ. From The Origin of Species to the origin of bacterial flagella. *Nat Rev Microbiol*. 2006;4(10):784-90.
10. National Center for Biotechnology Information. *Religious philosophies* [internet]. Bethesda: NCBI. [cited 2016 Feb 13]. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh/?term=intelligent+design>

Recebido: Fev 14, 2016

Aceito: Fev 24, 2016